

A PASTORAL EM CHAVE CRISTOLÓGICA- ANTROPOLÓGICA

Evangelizar a partir dos cinco sentidos

*Pe. Rogério L. Zanini**

Resumo: A missão da Igreja é evangelizar; fazer acontecer vida em abundância para todos/as (Jo 10,10). Hoje com as mudanças rápidas e profundas em todos os níveis da sociedade a fé consequentemente sofre abalos e precisa se solidificar dentro deste ‘mar’ revolto. O desafio que urge é, nas palavras de Francisco: “responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89). No ápice da Revelação, Deus mesmo se fez humano e inaugurou na humanidade o seu mais eloquente discurso: Ele mesmo. Nesse discurso, revelou-se a origem e o fim do ser humano, criado à imagem de Deus que se fez visível em Jesus Cristo (cf. Jo 1,14). Para a fé cristã, portanto, é o verbo encarnado que antecede e dá as bases para compreender o ser humano verdadeiro. Por isso falamos de um caminho cristológico-antropológico com objetivo de apresentar uma chave pastoral que integre todos os sentidos humanos. O pensamento ocidental muito marcado pelo racionalismo criou lacunas na maneira de compreender o ser humano, enfatizando, sobretudo o aspecto da razão (penso, logo existo) em prejuízo à integralidade do corpo (sinto, logo existo). Este é o plano de fundo da reflexão que contempla os seguintes aspectos. Primeiro, verifica-se como a compreensão de uma racionalidade desvinculada da integralidade humana, conduziu a um estreitamento, e como consequência uma evangelização pífia sem incidência sobre os sentidos humanos. No segundo, retomamos o frescor proveniente das fontes dos evangelhos, contemplando a prática de Jesus como paradigma da plenitude humana, por considerar todos os seus cinco sentidos (visão, olfato, audição, paladar e tato). No terceiro e último, em perspectivas conclusivas, algumas contribuições para uma ação evangelizadora que contemple e valorize os diferentes sentidos da existência humana, uma vez que todos são habitados pela presença do Espírito Santo, como declara o Apóstolo São Paulo.

Palavras-chave: Pastoral. Chave Cristológico-antropológica. Evangelizar.

* Mestre em Teologia Dogmática. Doutorando em Teologia pela PUC/RS e bolsista da CAPES. Presbítero da Diocese de Chapecó, Docente na Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades. E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

Introdução

O retorno ao sagrado e a busca espiritual que acompanha nossa época são fenômenos que constitui o núcleo mais profundo da cultura¹. Como que contrariando os que anunciaram o fim das religiões, houve uma efervescência por toda a parte. Este crescimento acarretou a ampliação do conceito de religião, segundo Bravo Pérez. Para ele, falar de religião hoje em dia é referir-se a qualquer interpretação que busca sentido. Esse é o caso, por exemplo, das religiões politeístas, dualistas, henoteístas, animistas, religiões orientais místicas. As que divinizam e sacralizam valores humanos de políticos (a democracia, a constituição, os heróis, o culto ao Estado). As religiões sensoriais. As crenças absolutas em certas ciências (a biogenética, a cibernética). Adesão a convicções esotéricas, estéticas, reencarnacionistas e desportivas, como o futebol².

Segundo Bravo Pérez, para alguns essa avalanche de religiões são compreendidas como a revalorização do simbólico, a nostalgia das experiências frias do sagrado que desconhecem as razões do coração e a revolta contra a sistematização por parte das instituições religiosas. Para outros, este retorno não implica necessariamente volta ao sagrado, mas precisa ser compreendido como consequência do processo de secularização, uma vez que, por um lado, a experiência religiosa entra no circuito do mercado, transformando-se em um bem de consumo rentável, e por outro lado, a religião adquire um sentido pragmático ligado à alegria, ao êxtase, à emoção³. Os motivos do retornou e seus interesses podem e devem ser

1 Benjamín BRAVO PÉREZ. O que é a pastoral urbana. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018, p.162.

2 *Ibidem*, p.162.

3 *Ibidem*, p.162.

averiguados, mesmo porque estão cada vez mais evidentes as influências do elemento religioso nas questões amplas da sociedade, como por exemplo, nas eleições⁴.

É neste caldo religioso ambíguo que a Igreja é enviada em missão por Jesus para ser Boa Notícia de vida em abundância para todos (Jo 10,10). O desafio que se apresenta hoje, segundo Papa Francisco, é “responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89). É missão da Igreja oferecer uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz sem descuidar, ao mesmo tempo, da comunhão solidária e da fecundidade missionária, para que ninguém seja “enganado por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus” (EG 89).

A questão de fundo que interessa ser averiguada, no presente artigo, é a relação intrínseca entre Jesus Cristo (cristologia) e o ser humano (antropologia). No ápice da Revelação, Deus mesmo se fez humano e inaugurou na humanidade o seu mais eloquente discurso: Ele mesmo. Nesse discurso, revelou-se a origem e o fim do ser humano, criado à imagem de Deus que se fez visível em Jesus Cristo (cf. Jo 1,14). A Tradição oriunda do Concílio Vaticano II (1965) abraçou esta máxima ao compreender que “na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado.

4 As influências religiosas parecem invisíveis no quadro geral da sociedade, mas um olhar mais aguçado faz perceber a religião agindo, as vezes sutilmente, no seio da sociedade influenciando nas grandes decisões políticas e sociais; e o que é pior contra os interesses e direitos do povo trabalhador. Explicitando em exemplos, o teólogo Joel Portela Amado, cita as influências da religião nas eleições municipais no Rio de Janeiro em 2016. A questão política se viu misturada, e mesmo embaraçada, exatamente pelo aspecto religioso. O mundo urbano para Amado não é excludente do elemento religioso, na medida em que busca absorvê-lo – cooptá-lo transformando tudo em produto de consumo. cf. *Igreja e grandes cidades*: Estado atual da questão. *Ibidem*, p.187.

[...] Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação” (GS 22). Ou como expressou Paulo VI existe de fato laços profundos entre evangelização e promoção humana de libertação: laços de ordem antropológica (não ser humano abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos); laços de ordem teológica (não se pode separar o plano da criação do plano da redenção que atingem as situações da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada); laços de ordem evangélica situado na caridade (como proclamar o mandamento novo sem promover a justiça e a paz no autêntico progresso da pessoa? “Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade”⁵).

Na primeira, verifica-se como a compreensão de uma racionalidade desvinculada da integralidade humana, conduziu a um estreitamento, e como consequência uma evangelização pífia sem incidência sobre os sentidos humanos. Na segunda, retomamos o frescor proveniente das fontes dos evangelhos, contemplando a prática de Jesus como paradigma da plenitude humana, por considerar todos os seus cinco sentidos (visão, olfato, audição, paladar e tato). Por último, em perspectivas conclusivas discorreremos sobre algumas contribuições para uma ação evangelizadora que contemple e valorize os diferentes sentidos da existência humana, todos habitados pela presença do Espírito Santo, como declara o Apóstolo São Paulo.

1 O ser humano animal racional

Hoje vem sendo muito questionada a abordagem que faz da razão o centro determinante expresso na palavra *logos*, cuja

5 PAPA PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*, n.31.

forma é a linguagem verbal. O julgamento crítico da razão é o instrumento que leva os povos a constituírem uma visão que se traduz em verdade, que se materializa em normas e condutas e se visualiza em formas concretas de viver⁶. Esta matriz, no entanto, vem de longe, em Aristóteles se materializa o conhecimento racional como único recurso para conceituar e tornar inteligível a realidade. Para ele, “a razão é a faculdade que melhor articula o que a realidade tem de inteligível”. A inteligência racional prioriza de tal forma que faz desaparecer o corpo, o que provoca em consequências considerar o lado animal do ser humano mais como obstáculo do que potencialidade de contato inteligente com a realidade⁷.

Os filósofos anteriores a Aristóteles, dentre eles podemos destacar Sócrates, não dividiam nem contrapunham a natureza e o corpo ao psíquico, ao anímico, ao espiritual. Para eles *physis* compreendia tudo.

A *Physis* é a totalidade de tudo o que é. Ela pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, no nascimento de animais e homens (...). Assim, a *Physis* compreende a totalidade do que é; além dela nada há que possa merecer a investigação humana. Por isso, pensar o todo do real a partir da *Physis* não implica em naturalizar todos os entes ou restringir-se a este ou aquele ente natural. Pensar o todo do real a partir da *Physis* é pensar a partir daquilo que determina a realidade e a totalidade do ente⁸.

Com Platão e Aristóteles começa o processo no qual o ser humano e a ideia passam a ser privilegiados em relação à

6 Benjamín BRAVO PÉREZ. A cultura, porta de entrada à cidade. In: Leomar A BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho*: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades, p.109.

7 *Ibidem*, p.109.

8 Carlos W. P. GONÇALVES. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990, p.30-31.

natureza. O espírito, em relação ao corpo. O pensamento racional, em liame ao conhecimento baseado na intuição direta da natureza das coisas. A razão, em consonância com o sentimento. O universal, ao particular. O que, na prática, representa um verdadeiro processo de “descorporalização”.

Segundo Bravo, esta perspectiva em sua acentuação máxima é representada por Descartes através do axioma: *cogito ergo sum*, “penso, logo existo”. O discurso tornou-se o modo preponderante de transmissão do significado e do sentido. O avanço da humanidade passa a ser assinalado pela razão. Esta racionalidade vai abarcando toda a forma de conhecimento. Primeiro as ciências no campo da medicina, dos gênios da física, mas aos poucos vai entrando nas ciências humanas atingindo a sociologia, a psicologia e a antropologia. O povo que não adota este pensamento torna-se atrasado e precisa ser auxiliado para passar do mítico ao racional, do ancestral ao moderno, do selvagem ao civilizado⁹.

No horizonte hegemônico da civilização técnico-científica, o ser humano se entende como possuidor de enorme poder e liberdade. Contudo, para Manfredo de Oliveira o grande ideal do ser humano moderno desemboca num terrível dilema:

Por um lado, o poder tecnológico alargou, de forma nunca conhecida antes, a extensão e as possibilidades da ação humana e gerou, com isso, a necessidade premente de reger, por meio de normas, o uso efetivo desse enorme potencial; por outro lado, o tipo de racionalidade que conduz esse processo se reduz ao controle dos fenômenos e, em última instância, no momento atual, põe em dúvida a possibilidade mesma de uma verdade objetiva, teórica ou prática, na vida humana¹⁰.

9 Benjamín BRAVO PÉREZ. A cultura, porta de entrada à cidade. In: Leomar A BRUSTOLIN e Leandro L FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p.110.

10 M. A. OLIVEIRA. *Ética, direito e Democracia*. São Paulo: Paulinas, 2010, p.15-16.

Esta forma de compreensão precisa ser avaliada e questionada pelos próprios frutos amargos produzidos. As guerras, as destruições, as violências irracionais sobre povos inteiros provam que este caminho se tornou uma realidade irracional sem sustentação. Por que a racionalidade não deu razão às matanças massivas, mas também, o prazer do assassinato e da destruição da natureza, dos animais, e ainda, do mais belo da cultura, da arte e da religião? Por que escrever tanto sobre o bom da racionalidade e não perceber que o Logos, as palavras e os livros não geram ações coerentes com as ideias escritas? É preciso perguntar: os conceitos tornam as pessoas mais bondosas, justas e solidárias?¹¹

Este esgotamento da razão tem levado a aprofundar outro caminho de integrar o corpo como modelador da realidade. Reconhecer que o corpo é racional, que a realidade é corpórea, que o corpo é nosso contato humano com a totalidade do mundo. O ser humano é animal. Não só animal *racional*, mas *animal* racional. Do corpo depende o verdadeiro significado da realidade¹². Para Johnson, “as explicações objetivistas do significado e a racionalidade tem ignorado e subvalorizado o corpo humano e, sobretudo, as estruturas da imaginação e a compreensão que surgem de nossa experiência corpórea”¹³.

2 O logos se fez carne: caminho da antropologia

São João em seu prólogo afirma que o Verbo se fez carne e acampou entre nós (cf. Jo 1,14). Deus através de Jesus se fez gente como a gente. O filho de Deus se tornou nosso irmão em todos os sentidos, exceto no pecado (cf. Hb 4,15). Com Jesus o

11 Benjamín BRAVO PÉREZ. A cultura, porta de entrada à cidade. Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho*: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades, p.112.

12 *Ibidem*, p.113.

13 Mark JOHNSON. *El cuerpo en el mente*. Madrid: Debate 1991, p.16.

ser humano pode ser definido como animal racional. Segundo Bravo, houve um esquecimento da dimensão animal do ser humano. Não se pode mais separar a dimensão racional do animal. “Estando unida a nossa racionalidade à sensibilidade e a nossa sensibilidade à racionalidade, é mais legítimo definir o homem como *animal symbolicum*”, pois expressa melhor a unidade da pessoa do que como *animal rationale*, que dicotomiza desde o princípio¹⁴. Aprofundando este caminho chega-se a compreender que a afirmação ‘eu tenho um corpo’ convém opor essa outra afirmação ‘eu sou meu corpo’. Estava aberta, desta forma, a porta para reler o cristianismo a partir da chamada virada antropológica¹⁵. Trata-se de mudança de paradigma não proveniente da razão, mas do corpo. “A razão que interpreta a realidade, sem ter tido a prática do corpo: do tocar e do sentir, é muito difícil que tenha uma atuação bondosa”. A linguagem racional conceitual e lógica, mesmo que tente, tem dificuldade de produzir sentido de bondade, e não raras vezes cai em um deleite especulativo ou um falar do nada¹⁶.

Um dos grandes representantes da virada antropológica

14 Benjamín BRAVO PÉREZ. A cultura, porta de entrada à cidade. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p.113.

15 *Ibidem*, p.114. Segundo Luiz C. Sureki, “a virada ou guinada antropológica moderna supõe que se dê à subjetividade um lugar central. O giro antropológico seria somente lógico, teórico, metodológico, epistemológico, se não fosse igualmente um giro antropocêntrico. O que é posto no centro não é somente a inteligência do ser humano, mas o ser humano todo, inteligente e livre (sujeito, pessoa, autônomo, responsável). Dizer que o pensamento transcendental não se resume em mostrar as condições de possibilidade do conhecimento, mas que deve ainda mostrar as condições de possibilidade daquele que conhece”. *A virada antropológica da Teologia*. Disponível em: <http://faje.edu.br/simposio2016/arquivos/seminarios/Luiz%20Carlos%20Sureki.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2018.

16 *Ibidem*, p.118.

chama-se Karl Rahner. Insistia que se o cristianismo não é uma ideia de espírito eterno e sempre presente, mas Jesus de Nazaré, então a referência à metafísica do conhecimento de Santo Tomás será cristã se ela remeter ao ser humano no aqui e agora de seu mundo finito. Para Sureki¹⁷, com isso Rahner estava querendo nos dizer que para adentrarmos na compreensão do que seja o cristianismo como revelação/palavra de Deus é preciso começar pelo Ouvinte da Palavra, pelo destinatário da revelação. Não porque a revelação seja simplesmente para o ser humano, mas principalmente porque a pessoa é também o lugar onde Deus pode ser ouvido, e que o cristianismo diz que é no homem (Jesus de Nazaré, o Cristo) que Deus realmente foi ouvido¹⁸. Para o cristão, a Palavra de Deus é encarnada, tem uma história, se fez carne, se fez humano e habitou entre nós. Mais do que erguer o seu Templo, armar sua tenda no meio da humanidade significa a presença viva e ambulante de Deus, encarnada na pessoa e projeto de Jesus de Nazaré. Nele e por ele a Palavra Criadora age, operando a salvação aqui na terra.

Estamos em condições de postular um avanço significativo na evangelização. Uma vez que o cristianismo se fundamenta em um corpo, no corpo morto e ressuscitado de Jesus Cristo. O corpo é assim o germe da racionalidade, como a racionalidade é sempre corporal; pelo corpo o ser humano é espaço e está no tempo. O corpo une o mundo material e nosso espírito. Assim, nosso corpo espiritualiza a matéria e materializa o espírito. Uma perspectiva que aparece em Jesus quando restituiu a cura da pessoa em dia de sábado (cf. Mc 2,27). Agindo desta forma, Jesus não elimina a dimensão do sagrado, mas pelo contrário, atua de tal forma a visualizar que justamente, não se pode mais separar a história do divino. Jesus, com isso, divinizou a história

17 Luiz C. SUREKI, *A virada antropológica da Teologia*. Disponível em: <http://faje.edu.br/simposio2016/arquivos/seminarios/Luiz%20Carlos%20Sureki.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2018. p.12.

18 *Ibidem*, p.12.

não separando-a do sagrado, mas integrando-a para sempre.

3 Ecos de uma Cristologia dos cinco sentidos

Jesus reuniu os discípulos, depois de um tempo que estavam juntos, e lhe perguntou: ‘quem sou para as pessoas?’ Muitas dúvidas apareceram: João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos profetas. Em seguida inquiriu aos discípulos: ‘e vocês quem dizem que eu sou?’ ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’, foi a resposta proclamada por Pedro (cf. Mt 13,16-19). Jesus chama Pedro de ‘feliz’, revela que foi graça do Pai celeste e que nesta base edificará sua Igreja. A fonte permanente do amor da Igreja é Jesus Cristo. Ele é o alicerce e a razão da existência da Igreja. O que fundamenta a vida cristã é o encontro vital com uma pessoa que passa a determinar o existir humano: “o verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária” (EG 266).

No entanto, se na época existiam diferentes experiências sobre a identidade de Jesus, hoje estão ainda maiores, ou mais profundas. Nossa sociedade está ainda interessada em acolher a presença de Jesus Cristo? Na avaliação de Joel Portella Amado, Jesus caminha dentro de um impasse. Por um lado, “o mundo urbano aceita Jesus, porém um Jesus muito mais a consumir, usufruir”. Um Jesus que como cliente esteja à disposição para atender através das curas e prodígios, as necessidades imediatas e individuais. Esse Jesus faz sucesso no mundo urbano¹⁹. Por outro lado, o cristianismo conforme indica o *Documento de Aparecida* nos convida a compreender a identidade mais radical

¹⁹ Joel Portella AMADO. Igreja e grandes cidades: Estado atual da questão. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p.187.

da Boa Nova do Reino de Deus. “O Cristo que, sendo rico, se fez pobre para a todos enriquecer” (2Cor 8,9); (DA 292). “Os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: “os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo” (DA 393).

A realidade em voga, portanto, sinalizada a necessidade de discernimento e opção diante do seguimento a Jesus. E para os cristãos o Reino de Deus e sua justiça é o critério máximo e irrefutável. Posição sinalizada por Francisco quando afirma: “dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer, também, a sua missão é inseparável da construção do Reino: “procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33). A identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construir, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos. Francisco realça as consequências desta opção: “não te santificarás sem te entregares de corpo e alma, dando o melhor de ti neste compromisso” (GE 25).

Isso nos assinala um contexto de impasse e tensão dentro da própria dinâmica que perpassa o anúncio do Evangelho. Segundo Leandro Fontana, parece-nos que ao menos duas questões despontam como fundamentais, que, aliás, não são novas nos ambientes eclesiais e teológicos. Uma, como atrair as pessoas ou “tocá-las existencialmente” (Rahner) em meio aos ruídos do mundo urbano com diferentes ofertas e anúncios de *marketins*, e infindas promessas de felicidade. Outra, como dizer as essas pessoas, ou, em palavras mais técnicas, qual o conteúdo a ser anunciado. Para Fontana, valendo-se tão somente do discurso racional verbal torna-se incapaz de motivar a vontade e é muito improvável que conduza à bondade, virtude que nossa sociedade tanto carece. Faz-se necessário perscrutar outras linguagens que contemplam outros sentidos. Para isso exigem-se anunciadores que tenham os ouvidos bem aguçados, com

olhos atentos, com o olfato apurado, com paladar fino, com tato sensível, enfim, com todos os sentidos²⁰.

Para o cristianismo de todos os tempos, Jesus Cristo é o paradigma da ação evangelizadora. Jesus é o Bom Pastor que sacia a fome e a sede de “todo homem e o homem todo” “porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem” (GS 22). Por isso ser cristão é caminhar e contemplar a história “com os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus” (Hb 12,2). A melhor motivação para se anunciar o frescor cativante do Evangelho. Nas palavras de Francisco: “a melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta” (EG 264).

Para isso faz-se necessário contemplar através da Palavra de Deus, particularmente os Evangelhos a prática de Jesus – seus sinais, ensinamentos, gestos, palavras, olhares, para que adentrando na *compaixão* do Mestre incorporamos seu estilo de vida no discipulado. Agora esta será nossa ‘aventura’. Vamos contemplar os evangelhos buscando perceber sinais na prática de Jesus que transparecem os cinco sentidos da existência humana (a visão, o olfato, o paladar, a audição e o tato). Dito em forma de pergunta: como visualizar na proposta do Reino de Deus anunciado por Jesus sua preocupação em contemplar todos os sentidos da pessoa humana? A questão é atraente para um cristão, mas, contudo, sofremos do perigo da subjetivação e pouca profundidade bíblica. Mesmo assim consideramos importante ao menos em duas questões centrais. Uma, porque acreditamos que através deste caminho será possível nos aproximar mais e melhor na compreensão da humanidade de

20 Leandro L. B. FONTANA. Apresentação. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p.10-11.

Jesus Cristo. A pergunta de Jesus aos discípulos: quem *dizem que eu sou* continua válida para os cristãos, pois “ninguém ama o que não conhece”, ou como disse Jesus “a boca fala da abundância do coração” (Mt 12,34). Outra, se refere ao potencial evangelizador de um anúncio que contemple todos os sentidos da existência humana. Temos insistido que o mundo não acolhe mais uma Boa Notícia que não condiz com a integralidade do ser humano. O Evangelho de Jesus precisa atingir as razões do coração para produzir frutos abundantes, caso contrário, tornar-se-á sal insosso, ou seja, perde sua razão de existir, e, portanto, desaparece, sob os pés.

3.1 Jesus que ‘escuta’ a vontade do Pai

Quando contemplamos a vida de Jesus salta aos olhos seus momentos de intimidade com o Pai²¹ e o desejo de fazer sua vontade (cf. Jo 5,19). Jesus, desde pequeno, quando se perdeu da caravana, na volta de Jerusalém, e depois de três dias é encontrado no Templo, deixa claro para seus pais que precisa fazer a vontade do Pai. Seus pais, no entanto, não compreenderam as palavras de Jesus, mas Maria guardava todas estas coisas no seu coração e Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e das pessoas (cf. Lc 2,41-

21 Existe, contudo, um pormenor ainda mais importante. Jesus não chama a Deus simplesmente de “Pai” – o que lemos 170 vezes nos Evangelhos – mas emprega a palavra aramaica “Abba”, que corresponde ao diminutivo – afetivo e se traduz pelo nosso “papai” ou “paizinho”. Com isso Jesus revela, por conseguinte, algo completamente novo sobre Deus, manifestando uma forma inteiramente nova de relacionamento entre Deus e os seres humanos, uma intimidade singular! Jesus retrata ao longo de sua vida a imagem de Deus paizinho, dizendo que ele cuida dos pássaros, das flores dos campos, mas zela muito mais ainda pelos seres humanos que são filhos seus (Mt 6,25s); ou afirmando que, aos olhos de Deus, cada um deles vale mais do que todos os pardais juntos (Mt 10,31); ou, que lhes quer tanto bem a ponto de haver-lhes contado até os cabelos da cabeça (Mt 10,30). São figuras de linguagem a indicar o imenso carinho de papai que Deus tem para com os seus. Cf. José SODER. *Meditando o pai-nosso*, p.29-30.

52). Muitos outros textos nos narram momentos de oração de Jesus, mas com exceção do Pai Nosso pouco se diz sobre seu conteúdo (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,1-4). Aqui para compreender Jesus podemos aplicar a máxima da liturgia: *os frutos da oração são os frutos da vida e vice-versa*. Outra característica é número de vezes em que os evangelhos sublinham Jesus em oração e, também, que destes momentos nasciam as grandes decisões a serem tomada²². Igualmente, a vida itinerante de Jesus faz perceber uma pessoa extremamente mergulhada e encarnada à realidade. Suas parábolas talvez seja um dos indicativos mais reveladores de como Ele estava inserido na vida das pessoas. Revela seu ouvido sensível aos apelos das realidades e expressam um conhecimento profundo do contexto cultural, social, político e religioso²³.

22 O biblista Carlos Mesters, no livro *Com Jesus na contramão*, sintetiza as orações mais expressivas na vida de Jesus: (Lc 2,46-50; Lc 3,21; Lc 4,1-2; Lc 4,3-12; Lc 6,12; Lc 9,18; Lc 10,21; Mc 7,34; Jo 11,41-42; Lc 4,16; Jo 5,1; Lc 9,16; 24,30; Mc 1,35; Lc 5,16; 9,18); de rezar (Lc 11,1; 22,32; Mc 10,16; Lc 9,28; Lc 22,7-14; Jo 17,1-26; Mt 26,30; Mc 14,34; Mt 26,38; Lc 23,34; Mc 15,34; Sl 22,2; Lc 23,46; Sl 31,6; Mt 15,37), p.112-114.

23 O que segue é um exercício de perceber através de algumas imagens, parábolas e fatos que expressam a intimidade de Jesus com a realidade de forma profunda e comprometida. O administrador desonesto (Lc 16,1-9); O amigo importuno (Lc 11,5-8); As bodas (Mt 22,1-14); O bom samaritano (Lc 10,29-37); A casa vazia (Mt 12,43-45); Coisas novas e velhas (Mt 13,51-52); O construtor de uma torre (Lc 14,28-30); O credor incompassivo (Mt 18,23-35); O dever dos servos (Lc 17,7-10); As dez virgens (Mt 25,1-13); Os dois alicerces (Mt 7,24-27); Os dois devedores (Lc 7,40-43); Os dois filhos (Mt 21,28-32); A moeda perdida (Lc 15,8-10); O fariseu e o publicano (Lc 18,9-14); O fermento (Mt 13,33); A figueira (Mt 24,32-33); A figueira estéril (Lc 13,6-9); O filho pródigo (Lc 15,11-32); A grande ceia (Lc 14,15-24); Jejum e casamento (Lc 5,33-35); O joio (Mt 13,24-30; 36-43); O juiz iníquo (Lc 18,1-8); Os lavradores maus (Mt 21,33-46); Os meninos na praça (Mt 11,16-19); A ovelha perdida (Lc 15,3-7); A pedra rejeitada (Mt 21,42-44); A pérola de grande valor (Mt 13,45-46); Os primeiros lugares (Lc 14,7-11); A rede (Mt 13,47-50); O rei que vai para a guerra (Lc 14,31-32); O rico e Lázaro (Lc 16,19-31); O rico sem juízo (Lc 12,16-21); O semeador (Mt 13,3-9.18-23); A semente de mostarda (Mt 13,31-32); O servo fiel (Mt 24,45-51); Os servos vigilantes (Mc 13,33-37); Os talentos (Mt 25,14-30); Os trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16).

A experiência de intimidade de Jesus com Deus, longe de afastá-los das preocupações com o mundo, o insere ainda mais no miolo da história. No dizer de Papa Francisco: “a fé não é fato privado, uma concepção individualista, uma opinião subjetiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e tornar-se anúncio”²⁴. E acrescenta: “quem crê nunca está sozinho; e, pela mesma razão, a fé tende a difundir-se, a convidar outros para a sua alegria. Quem recebe a fé descobre que os espaços do próprio ‘eu’ se alargam, gerando nele novas relações que enriquecem a vida”²⁵.

Assim como Deus que escuta o clamor dos filhos que gemem a opressão do Egito e toma partido para libertá-los do cativeiro (cf. Ex 3), assim também Jesus é aquele que escuta os apelos dos necessitados e age em favor das vítimas. Jesus como aquele que tem ouvido atento aos pobres e esquecidos da beira do caminho (cf. Mc 10,46-52), das mulheres vítimas do sistema patriarcal (cf. Jo 8,1-11), da fé do outro, do estrangeiro, do não-hebreu (cf. Lc 7,9; 17,19; Mt 8,13; 15,28). Passar ao lado destes significa negar a Deus. Ou como disse Bento XVI: “fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus” (EG 272).

Esta dimensão tão fundamental entre os sentidos não se faz presente de maneira mágica, mas trata-se de uma virtude a ser cultivada e treinada. De acordo com Papa Francisco, “precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir”. É a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. “Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor do que Deus semeou na nossa própria vida” (EG 171).

24 PAPA FRANCISCO. *Lumen Fidei*, n.22.

25 *Ibidem*, n.29.

Não deixemos que nos roubem a sensibilidade para escutar os apelos dos que mais sofrem.

3.2 Jesus de ‘olfato’ misericordioso

Olfato é o sentido responsável pela distinção dos cheiros, dos odores. Através dele é possível identificar, diferenciar e perceber os diversos cheiros. Dos cinco sentidos, o olfato é o primeiro a desenvolver-se no recém-nascido. O bebezinho com apenas algumas horas de vida apontar a boquinha em certa pontaria para o seio materno. Enquanto os outros sentidos só se desenvolverão após alguns dias, o cheiro da mãe cativa o bebê desde sempre e, seguindo aquele odor, ele aprenderá a reconhecer e localizar aquela que é a fonte palpável de sua vida, que lhe dá alimento, carinho, contato e conforto.

Podemos nos perguntar: o olfato/cheiro pode trazer alguma luz para uma pastoral missionária? É possível encontrar em Jesus algum sentido? Vamos avançar, neste ponto, considerando a figura do Bom Pastor – tema muito importante na vida e na espiritualidade cristã. Mesmo sendo uma imagem procedente de um contexto agrícola, o que para alguns se tornou limitada para compreender os ensinamentos de Jesus no mundo urbano, permanece referência na ação pastoral. Recentemente, Papa Francisco deu novo elã a figura do Pastor ao propor uma igreja em ‘saída’, e destacando justamente a necessidade dos evangelizadores contraírem o “cheiro das ovelhas”, para que as ovelhas escutem a sua voz (EG 24).

Uma das originalidades de Francisco está justamente em afirmar que o Pastor precisa sentir o ‘cheiro das ovelhas’. Para alcançar esta meta – o Pastor precisa sair ao encontro das ovelhas (interessar-se por elas), relacionar-se de forma que as ovelhas percebam no Pastor vontade de amá-las como são sem julgamentos (age com misericórdia). Desta forma, as ovelhas sentem pelo testemunho do Pastor que estão diante de uma

pessoa enamorada por Jesus (coração cheio de gratuidade). As ovelhas começam a experimentar e expressar: “Ele é um dos nossos”; “Podemos confiar”; “fulano tem sido um Deus para nós”. São expressões que normalmente os pobres utilizam para dizer o quanto o Pastor é especial. Muitas vezes, os pobres sem terem consciência, estão profetizando que o Pastor armou sua tenda entre os pobres e se fez pobre para ganhar a todos, semelhante ao próprio Cristo (1Cor 9,22). Estamos na profunda identificação do Pastor com as ovelhas. Encontro místico que faz ambos exaltar-se de humanidade, quando as ‘carnes se tocam’ e juntos partilham cheiros e sonhos.

Destaca-se nesta perspectiva o caminho do aprofundamento humano e por isso é também divino: a entrega total, de imersão última na vida do outro, *kénosis* bíblica. No dizer de Paulo Freire: “o compromisso próprio da existência humana só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro”²⁶. Como não lembrar os santos que tiveram seus corpos marcados com a carne do ‘outro’, referência especial a São Francisco que se converteu através do abraço no leproso.

Desta forma, o todo da vida das ovelhas interessa e penetra como fagulhas de Deus no coração do Pastor. O Pastor já não sabe mais viver sem suas ovelhas, não porque sejam necessárias, mas porque através delas experimenta Cristo em sua vida. Isso não tem nada de romantismo, pois no caminho enfrenta muita cruz e rejeição. No entanto, o Bom Pastor torna-se o ‘cão dos pobres’: presença discreta, amiga, sinal de segurança, e quando as portas se fecham como acontece com Lázaro, junto está o cão (Pastor) misericordioso. E quando as dores parecem insuportáveis aí está o *cão* para fazer o que pode: aliviar as feridas ou com sua ‘língua’ afiada pelo evangelho *latir profeticamente pelos direitos dos pobres*. Ou para utilizar uma

²⁶ Paulo FREIRE. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.19.

linguagem ainda mais dura, mas talvez menos impactante do que a própria realidade dos pobres, através do olfato evangélico, os pastores são os abutres que descem sobre as ‘carniças sociais’ de uma sociedade injusta, derramam o perfume da justiça e dos direitos sociais. Não deixamos que nos roubem o cheiro dos pobres.

3.3 Jesus e o poder da ‘visão’

“Só se vê bem com o coração; o essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry). “O que os olhos não veem, o coração não sente”. Provérbio popular que parece fazer eco em Jesus quando diz: “a lâmpada do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz” (Mt 6,22). Olhos e coração parecem formar uma unidade inseparável no ser humano. Na perspectiva da fé bíblica, pode-se tomar a visão no sentido figurado, ou visão espiritual para expressar o seguimento a Jesus. As menções nos evangelhos, em relação aos olhos, ocupam uma dimensão importante, não pela quantidade, mas fundamentalmente pelo seu significado. Em primeiro lugar, precisa-se deixar claro que em todos os milagres (sinóticos), curas ou sinais (São João) realizados por Jesus, nunca são para provar a fé, mas sinal da fé. Ao contrário, quando pedem simplesmente para Jesus fazer milagre, ele se recusa e ainda questiona as pessoas (cf. Mt 13,58). Em outras ocasiões, Jesus manifesta a fé de forma pública dizendo: “a tua fé te curou” (Lc 18,42-43). É frequente nos evangelhos, sempre nos lábios de Jesus, porém sempre dirigido às pessoas marginalizadas: a mulher com hemorragia (cf. Mc 5,21-43), um mendigo cego (cf. Lc 18,35-43), uma prostituta, um leproso samaritano (cf. Lc 17,11-19).

Precisamos reconhecer que o olhar exerce um poder muito forte nas relações humanas. De todos os sentidos, talvez o da visão seja o mais ambíguo e arriscado. O que mais engana, o

que mais finge efeitos especiais que não são reais. Não é difícil perceber situações em que o olhar serviu ou serve para intimidar, controlar ou mesmo punir moralmente. O olhar não deixa de ser um órgão revelador não somente de alguns sintomas clínicos, mas também miopias em relação às culturas, etnias, valores, leis, preconceitos, visões de sociedade e de mundo. Os evangelhos narram-nos cenas de curas de visão, por exemplo, que são altamente simbólicas e pedagógicas. A cura do cego de nascença que Jesus restitui a visão depois de um demorado processo de libertação (cf. Jo 9). A cegueira estava tão impregnada que foi necessário usar “saliva e barro” e muita água para remover as ‘catarratas’ ideológicas imprimidas pelas leis judaicas.

Agindo desta forma, Jesus deixou claro que a pessoa não era cega pelos seus pecados, nem dos seus pais, muito menos por vontade divina, como queriam os fariseus, mas fora causada, produzida pela ‘catequese’ das autoridades políticas e religiosas. Esta, aliás, é uma marca dos sistemas dominantes, encontrar formas, mecanismos que reproduzem seus valores, desejos, sonhos, ideologias e não questionam a ordem estabelecida. O estágio máximo é quando um sistema consegue fazer com que suas vítimas se sintam culpadas pelo seu fracasso ou responsáveis pela crise do sistema. As pessoas começam a dizer “minha culpa” por isso não consigo emprego: ‘não sou qualificada’, ‘não tenho estudo’, ‘não tive sorte na vida’. Destarte, seus olhos não percebem que a pobreza tem causas estruturais, o que significa, a rigor, que não há pobres (pois ninguém escolhe sê-lo, e os que são gostariam de viver em melhores condições), há pessoas empobrecidas, de quem as relações sociais de injustiça e opressão sequestraram direitos fundamentais.

Em meio a uma vida fragmentada e ameaçada, com a morte como horizonte obrigatório e temido, o ser humano deseja ‘ver a Deus’. “Os puros de coração verão a Deus” (Mt 5,8). A fé, que

é um caminhar ainda sem ver, incute no ser humano a certeza a respeito do que ele não vê e o faz prosseguir no caminho, mesmo sem enxergar. Por isso o ver é colocado sob suspeitas na Escritura, uma vez que ele sozinho, desvinculado de uma escuta obediente e atenta, pode conduzir ao caminho da idolatria e das imagens enganosas. Então Jesus disse a Tomé: “Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram” (Jo 20,29). Não deixemos que nos roubem a visão crítica da fé.

3.4 Jesus e o ‘tato/toque’ humanizado

O corpo inteiro toca. O tato é o grande sentido que concentra todos os demais sentidos. Se não tivermos a experiência de tocar, não conhecemos nada. Tudo tem consistência através do tato. Vendo o corpo do outro, descubro que o outro é sujeito e, também, me descubro como sujeito. O corpo do outro supõe, ao mesmo tempo, reciprocidade. Assim, ao tocar outro corpo, meu corpo é tocado e sente pena, tristeza, alegria, vergonha, nojo²⁷.

Muitos textos dos evangelhos apresentam Jesus se relacionando com as pessoas através do toque. Existem muitas curas e em quase todas elas, Jesus se utiliza diretamente do toque para libertar as pessoas. As curas, através do toque, revelam uma dimensão que pode passar despercebidas para quem lê fora do contexto. Na época de Jesus, as doenças eram mais frequentes devido às condições sociais precárias. O agravante estava em atribuir à doença como consequência do pecado e, portanto, como castigo de Deus. Um olhar atento faz perceber que Jesus às vezes toca nas pessoas outras vezes não, como que prevendo as consequências de seus atos. Jesus quando

27 Benjamín BRAVO PÉREZ. A cultura, porta de entrada à cidade. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p.119-120.

toca nas pessoas transparece, em primeiro lugar, que ele não fica contaminado, quebrando assim a corrente viciosa. Segundo, está quebrando a ideologia de que a doença era fruto do pecado e castigo de Deus. As pessoas ficam admiradas e se perguntam: quem é este que perdoa pecados? Terceiro, trata-se da preocupação de Jesus em incorporar as pessoas curadas no convívio social. Integração é fundamental, porque as pessoas doentes viviam isoladas para evitar a contaminação. Através da ação de Jesus, as pessoas voltam a conviver e partilhar suas vidas com os outros, inclusive precisam enfrentar os questionamentos de serem curadas.

Nem todos os corpos tinham a mesma urgência para Jesus. Os prioritários estavam relacionados com as pessoas em maiores necessidades. Esta opção de Jesus pelos pobres sempre ocasiona críticas e tensões na história tanto ontem como hoje. Como pode os pobres ter preferência no Reino de Deus? O amor de Jesus não é para todos, porque alguém teria prioridade? Segundo Francisco, no entanto, “não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima”. “Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer”. (EG 48). O coração de mãe nos coloca na mesma direção de Jesus ao socorrer sempre o filho mais fraco, não por que este seja mais santo, melhor ou com menos pecado, mas exclusivamente porque compaixão vem em primeiro lugar.

Igualmente, pode-se perceber, conforme Joel Amado, que os critérios de Jesus são diferentes dos nossos. “Há corpos que possuem uma qualidade especial porque são Jesus Cristo. Ele decidiu selecioná-los como seus próprios corpos em todo tempo e lugar”. Especialmente, o corpo da fome, o carente de água para beber e de se lavar, o corpo sem roupa que sente necessidade de se vestir, o corpo do migrante, o que não tem

acesso à saúde mínima e o que está preso. “O que fizerem a um destes, é a mim que o fazem” (Mt 25,31)²⁸. Estes aspetos são suficientes para perceber que é missão cristã ‘sair’ ao encontro das pessoas como pede nosso Papa Francisco, mas é também exigência primária de Jesus e da Tradição cristã tocar, cuidar, levantar, em primeiro lugar, os que estão feridos no caminho da história. Não deixemos que nos roubem a misericórdia com os pobres.

3.5 Jesus e as refeições/‘paladar’

As referências ocupam uma importância reveladora da identidade de Jesus. Diferentemente de João Batista que optou pela vida ascética do deserto, Jesus tomou o caminho das refeições como dimensão fundamental. Esta opção de Jesus não passou despercebida principalmente pelos opositores que o acusarão de beberão e comilão, amigo de publicanos e pecadores (Mt 11,18). Por que as refeições comunitárias causam complicações na vida de Jesus? Enquanto os alimentos são necessários para a sobrevivência humana, as refeições trazem a marca das culturas e tradições religiosas. A complexidade se faz perceber quando compreendemos que tanto no tempo de Jesus como hoje as refeições ganham cores, sabores e temperos classistas. Se antes da mesa somos irmãos em Cristo Jesus, a mesa infelizmente torna-se um marco divisório dos que comem muito e bem além das necessidades fisiológica e os que se alimentam mal e passam necessidades. Esta realidade básica reflete o modelo de uma sociedade desigual. Conforme o evangelho, os ricos epulões de um lado e os pobres Lázarus de outro, mesmo sendo vizinhos, uma vez que Lázaro esta à porta, mas, no entanto, distantes do coração e da mesa farta (Lc 16,19-31).

Jesus, portanto, ao expressar através de um banquete aberto

²⁸ *Ibidem*, p.123.

o melhor do Reino de Deus, está ao mesmo tempo colocando em questionamento uma tradição que não aceita mesa comum. A parábola dos convidados do banquete preparado para todos visualiza que muitos já optaram em não participar. Suas justificativas são: “seus campos”, “experimentar os bois”, e “degustar do casamento”, produziu um fechamento - uma negação ao convite de Jesus. Em paralelo acontece o contrário, os que são convidados por último são os primeiros a dizer sim ao banquete da mesa comum (cf. Lc 14,15-24). Por que os primeiros se excluem do Reino de Deus? Entrar no Reino de Deus é assumir as exigências da partilha, ou seja, para aceitar o banquete precisam colocar em partilha seus ‘bois, campos e formar uma única família’.

As oposições em relação à mesa comum tiveram outros desdobramentos ainda mais complexos. O evangelho de Marcos, por exemplo, nos narra dois banquetes em sequências, mas ambos estão em contradição. Um, o banquete da vida, marcado pela partilha, organização do povo, bênção dos pães, cuidado com as sobras (cf. Mc 6,30-44). Outro, o banquete dos grandes que trama a morte de João Batista (cf. Mc 6,14-29). Jesus apesar das contrariedades não desiste de propor o banquete como sinal das novas relações. No final da vida como que selando sua existência de doação – celebrou em forma de refeição – sua entrega definitiva com os discípulos. Refeição conflitiva, pois chegou a hora em que cada uma das pessoas não podia mais ficar neutra ou indiferente diante do banquete. Judas, Pedro, Tomé e todos os outros precisavam revelar-se a favor ou contra Jesus.

Os ensinamentos, as aparições de Jesus, após a ressurreição, têm como base as refeições. Sinalizando mais uma vez a importância dos cristãos manter viva a memória na história do banquete. Entre os encontros com Jesus, a cena dos discípulos de Emaús tornou-se paradigmática (Lc 24,13-35). Jesus aparece

e caminha com os discípulos, que estão tristes e decepcionados com o último acontecimento. Estão deslocados porque não imaginavam aquele fim para quem buscou unificar todos em volta de uma mesa. Jesus caminha com eles e faz algumas perguntas, retoma a Palavra de Deus para localizá-los na história, chegando ao destino o convidam para ficar com eles, porque já está tarde. Enquanto comiam reconhecem a presença de Jesus. A partir daquela experiência suas vidas são modificadas e retomam o caminho de Jesus. Em vários outros encontros o ressuscitado aparece desejoso de refeição. O cristianismo levou tão a sério as refeições que tornou o pedido de Jesus “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19) como a ápice e o cume da fé cristã (SC 10). A Eucaristia tornou-se sacramento, mistério de salvação cristã.

Estes aspectos esclarecem o porquê do conflito de Jesus com as autoridades do seu tempo em relação às refeições. Jesus buscou fazer do alimento - dimensão básica da vida humana - o símbolo máximo do Reino de Deus. Por que segundo Bingemer, “quando comemos e bebemos nos fazemos vivos, partilhando a mesa, vivendo a cumplicidade, a amizade, a fraternidade”. Comer em comunidade nos diferencia dos outros animais: celebrar a vida em todas as suas dimensões. Mais do que saciar uma necessidade biológica se transforma em ritual de louvação da vida, aspiração principal do ser humano. “A presença de Deus junto aos homens e mulheres por Ele amados se manifesta e revela de sua forma mais plena e densa no banquete do qual participam pecadores que recebem o perdão, mulheres que são valorizadas e reintegradas em sua dignidade e todos os que têm fome e sede de justiça”²⁹. Não deixemos que nos roubem a mesa comum.

29 Maria C. L. BINGEMER. *Gosto, Sabor e Paladar*. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/amai/gostosabor.pdf>. Acesso em 03 de agosto de 18.

Conclusão

Para os cristãos a encarnação de Cristo e as interpelações da realidade são dois lados da mesma moeda, e, portanto, não podem ser separadas. Os cristãos são de Cristo quando são sal da terra e luz do mundo. Que ação pastoral atinja a vida das pessoas parece ser uma obviedade, no entanto nem sempre o óbvio acontece tanto na prática eclesial, como em relação aos direitos dos cidadãos, por exemplo.

Por isso construímos um percurso de reflexão para perceber como urge uma pastoral integradora que abarque todos os *sentidos* das pessoas. O centramento de uma pastoral unilateral com ideias claras e distintas (racionalismo) provocou um estreitamento na compreensão do ser humano – lacuna que urge ser vencido por uma evangelização que integre a totalidade dos sentidos. Os evangelhos nos levam a perceber como Jesus atuou considerando os diferentes sentidos das pessoas. Em tempos de altas tecnologias corremos o risco de buscar um “Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz”, e também, relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparelhos midiáticos. O Evangelho nos convida sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado (EG 88).

Se o corpo fala e evangeliza, Papa Francisco tem autoridade testemunhal para nos apresentar uma linguagem simbólica. Sua forma de vestir, morar, comer, conviver com seus empregados, sair à rua, viajar, seu corpo, sorriso, e acima de tudo os corpos que escolhe para tocar e para apoiar; seus encontros com pessoas e grupos de outras culturas e religiões. Com sua sensibilidade visualiza valores que estão no cristianismo, mas foram esquecidos ou soterrados pelas pregações dos catecismos. Quando utiliza a linguagem verbal, nada mais faz do que dar

razão do que faz e crê. Fala de verdades que atingem as pessoas porque sentem a misericórdia de um verdadeiro *Samaritano*. E esta linguagem todos conhecem e se curvam, porque não são palavras que o vento espalha, mas pertencem à ação, à praticidade daquilo que é o mais genuíno no cristianismo, seu amor *kenótico*. “Ter os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus” (cf. Fl 2,5).

No coração de Jesus morava uma paixão pelo projeto do Reino de Deus. Segundo José Maria Castillo três grandes preocupações de Jesus revelam os evangelhos: 1. A saúde (relatos de cura); 2. A comida compartilhada (relatos de refeições e banquetes); 3. As relações humanas (sermões e parábolas). São as mesmas preocupações do Papa Francisco: “este Papa sente a proximidade e as necessidades dos doentes, dos pobres, dos que vivem separados ou afastados. Esta profunda humanidade de Francisco é a reprodução da profunda humanidade de Jesus”. No entanto, trata-se de três desafios mundiais que a humanidade padece e infelizmente nem a política, o dinheiro ou a tecnologia resolvem esses problemas³⁰.

Com João XXIII foi possível *abrir as janelas* (uma expressão do Papa na abertura do Concílio Vaticano II (1965) para ventilar as sacristias e arejar a casa. O que já era um bom começo, pois sinalizava um primeiro passo para um encontro verdadeiro da Igreja com o mundo. Com Francisco é abrir-se aos ventos do Espírito do Ressuscitado que sopra onde, como e onde quer (cf. Jo 3,8). Agora não se trata de deixar ventilar apenas o interior da Igreja, mas de abrir as portas para uma Igreja em saída. É preciso sair, mas não para qualquer lugar e de qualquer forma, porque existem muitas saídas (*voos aéreos*) que representam fuga e não encarnação da realidade. Sair como os

30 José Maria CASTILLO. *O humanismo de Francisco revela a essência do ser cristão*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao522.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2018. p.39.

discípulos de Emaús (Lc 24) significou voltar à Galileia, mesmo de noite e enfrentar as cruzes do caminho, na certeza que o Senhor continua presente. Sair, às vezes, pode ser tomar o mesmo caminho dos ‘levitas e sacerdotes’ (Lc 10), mas, no entanto, diferentemente deles, jamais desviar-se dos caídos e feridos e fazer, a partir deles, o único culto verdadeiro que agrada a Deus. Jesus indica uma nova religião: da vida real, do amor aos pobres, da fidelidade a Deus. São Tiago dirá: “religião pura e sem mancha diante do Deus e Pai é esta: assistir os órfãos e as viúvas em suas dificuldades, e guardar-se livre da corrupção do mundo” (Tg 1,27). “O (a) cristão (a) sai para encontrar e tocar esses corpos, porque acredita que são o próprio Cristo. Não são objetos de estudo, mas são fontes vivas para definir o próprio ser cristão”³¹.

O ser humano como máxima expressão do Criador – imagem e semelhança de Deus – configura-se a partir dos cinco sentidos e todos precisam ser cuidados e cultivados na evangelização. Atualmente, parece estar ganhando cidadania na evangelização uma prática pastoral que contemple a individualidade da pessoa, sem perder a dimensão comunitária, princípio salvífico da fé cristã³². E por incrível que possa parecer não estamos falando de algo novo na história do cristianismo. Segundo Maria R. Tutas, pesquisadora dos padres Orientais, afirma que Catarina de Sena fazia uma analogia das cinco virgens prudentes no evangelho com os cinco sentidos. “A palavra cinco significa nossa obrigação de dominar os cinco sentidos corporais, jamais ofendendo a Deus com eles, na

31 Benjamín BRAVO PÉREZ. A cultura, porta de entrada à cidade. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p.126.

32 Segundo Francisco, “a comunidade é chamada a criar aquele espaço teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado. Partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai-nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e Missionária” (GE, n.142)

procura de afeições ou prazeres desordenados com todos ou algum deles. Seremos cinco, dominando os cinco sentidos do corpo” (Carta 25)³³. Ora, uma vez dominada as paixões desordenadas – os vícios – os sentidos passam a contribuir para a harmonização do ser humano em sua integralidade.

Tutas se reportando à experiência litúrgica celebrativa da Igreja busca desenvolver os cinco sentidos como canais primordiais de comunicação com o divino. “O olhar, o ver: a liturgia deve oferecer ao fiel um panorama de signos, símbolos, flores, pedra (altar), para que o olho repouse e se alimente de luz, cor, imagens santas e sugestivas. O escutar exige atenção não só ao conteúdo da comunicação, mas também aos detalhes como a voz, a acústica, a respiração, o ritmo etc. A voz humana é instrumento a serviço da proclamação da Palavra. Com o paladar se saboreia o alimento. O paladar, como meta de toda a celebração é a Eucaristia. O olfato rega-se com o incenso, flores, plantas, azeites. O incenso é uma oferenda, isto é uma oblação de perfume. O tato e os gestos são também importantes no âmbito da celebração litúrgica. Trata-se do sentido do amor. Jesus toca os discípulos para dar-lhes confiança. Quando quer curar, Jesus toca a parte doente do enfermo e não de modo artificial. Por isso, na celebração litúrgica a imposição das mãos e o abraço da paz dever ser verdadeiros e expressivos”³⁴.

Estes aspectos evidenciam como a experiência litúrgica consegue incorporar os diferentes sentidos da corporeidade humana e contribuir para que cada pessoa se encontre com o mistério divino. Permanece, no entanto a pergunta: nossas experiências litúrgicas realmente expressam e contemplam dignamente todos os sentidos dos fiéis? Seguindo como metáfora o ensinamento do cacique aos evangelizadores, podemos afirmar que a ‘conversão pastoral’ exige uma

33 Maria Rodica TUTAS. *A arte da vida espiritual*. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2015, p.82.

34 *Ibidem*, p.82-83.

evangelização com sentido para que no entardecer da vida não sejamos julgados por esta mesma profecia: “Você coça. E coça bastante, e coça muito bem. E sentenciou: Mas onde você coça não coça”³⁵.

O corpo dos cristãos é templo sagrados (1Cor 6,19). Cuidar dos corpos em todos os seus sentidos significa reconhecer esta dádiva divina e ter consciência que “no fim da vida seremos julgados pelo amor que praticamos” (São João da Cruz).

Referências bibliográficas

- AMADO, Joel Portella. *Igreja e grandes cidades: Estado atual da questão*. In: BRUSTOLIN Leomar A. e FONTANA Leandro L. (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- BINGEMER, Maria C. L.. *Gosto, Sabor e Paladar*. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/amai/gostosabor.pdf>.
- BRAVO PÉREZ, Benjamín. A cultura, porta de entrada à cidade. In: BRUSTOLIN Leomar A. e FONTANA Leandro L. (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018.
- CASTILLO, José Maria. *O humanismo de Francisco revela a essência do ser cristão*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao522.pdf>
- FONTANA, Leandro L. B. Apresentação. In: Leomar A. BRUSTOLIN e Leandro L. FONTANA (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO PAPA. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Brasília: Ed. CNBB, 2013 («Documentos Pontifícios», 16).
- FRANCISCO PAPA. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Brasília: Ed. CNBB, 2018 («Documentos Pontifícios», 33).

35 Eduardo GALEANO. *O livro dos abraços. A função da arte/2*. Disponível em: <http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/03/O-Livro-dos-Abracos-Eduardo-Galeano.pdf>. Acesso em 29 de junho de 2018.

- FREIRE Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. A função da arte/2. Disponível em: http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/03/O-Livro-dos-Abrac_os-Eduardo-Galeano.pdf.
- JOHNSON, Mark J. *El cuerpo en el mente*. Madrid: Debate, 1991.
- MESTERS, Carlos. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995
- PAULO VI, PAPA. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_enciclica_evangelii_nuntiandi.pdf
- TUTAS, Maria Rodica. *A arte da vida espiritual*. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2015.